

SEÇÃO DE LIVROS

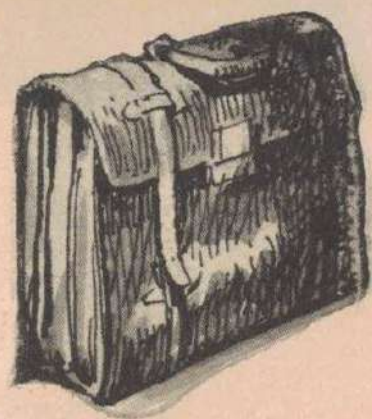
OPERAÇÃO
VALQUÍRIA:

O Complô Para Matar
Hitler



Lawrence Elliott

OPERAÇÃO VALQUÍRIA:



O Complô Para Matar Hitler

O relato espetacular da malograda
conspiração que, bem sucedida, poderia ter mudado
o rumo da História no século XX

PASSAVA POUCO das seis da manhã de 20 de julho de 1944, quando um carro do Exército Alemão parou na frente de uma confortável residência à beira do lago no subúrbio berlinense de Wannsee. Quase imediatamente, um coronel do Exército com uma pesada pasta desceu rápido a escada da frente. Era um homem forte, de 1,87 m de altura, com 37 anos, cabelos prêtos e invulgarmente bonito. Usava um fascinante tapa-olho, pois perdera a vista esquerda, assim como a mão direita e dois dedos da esquerda, durante a guerra do deserto no Norte da África.

—Bom dia, Herr Oberst!—disse o motorista, fazendo continência.

O coronel fez um aceno de cabeça e entrou no carro. Quando partiram,

êle lançou um último olhar à casa sombreada por pinheiros. Se retornasse naquela noite, teria mudado o rumo da história. Do contrário, estaria morto. Êle era o Conde Claus Schenk von Stauffenberg, membro do Estado-Maior alemão, Chefe do Estado-Maior do Exército do Interior. Nas próximas poucas horas êle faria explodir uma bomba aos pés de Adolf Hitler, desencadeando a Operação Valquíria, uma revolta de grande alcance contra a ditadura nazista. Morto Hitler, os militares assumiriam o govêrno e negociariam a paz antes que a Alemanha fôsse completamente arrasada.

O automóvel parou uma vez para apanhar o ajudante de Stauffenberg, Tenente Werner von Haeften, em Berlim. Depois rumaram para o sul,

na direção do aeroporto de Rangsdorf, passando por filas de prédios bombardeados— as carcaças espectrais de uma cidade que o Reichsmarschall Hermann Goering prometera que nenhum avião aliado jamais atingiria.

Nenhum dos homens falou durante o percurso de 45 minutos. Tudo que precisava ser dito sobre o *putsch* já fôra dito; todos os preparativos haviam sido feitos. Os pensamentos de Stauffenberg não se concentravam unicamente na violência que ia ocorrer; também se preocupava com a segunda missão, igualmente vital, que assumira: devia voltar a Berlim naquela tarde a tempo de dirigir a conquista da cidade, e em seguida orientar a revolta através da Europa.

Em Rangsdorf aguardava-os um bimotor Heinkel e às 7h 30m estavam no ar. Tinham pela frente um vôo de duas horas e meia, a conferência de estado-maior com Hitler, e o relatório de Stauffenberg sobre as tropas disponíveis para a frente russa.

Sentado na parte posterior do avião, fora das vistas do piloto, Stauffenberg desajeitadamente desafivelou as correias de sua pasta e examinou a bomba—um bloco de plástico cinza de um quilo, aparentemente inofensivo, embrulhado em uma camisa velha. Tanto a bomba como a espoleta, que se achava guardada em uma delgada cápsula de vidro, eram de origem britânica, um dos muitos dêsses engenhos lançados de pára-quedas para fôrças subter-

râneas na Europa. A bomba era particularmente apropriada para assassinatos: pequena mas possante, sua espoleta era simples e silenciosa. Uma vez rompida a cápsula de vidro que protegia a espoleta, um ácido em seu interior se infiltraria pelo fio que prendia o percussor. Em 10 minutos, quando o ácido tivesse corroído o fio, o percussor saltaria para a frente.

Convencido de que a bomba estava em boas condições de funcionamento, o Coronel Stauffenberg tirou um alicate de dentro da pasta. Usando ambas as mãos, um homem podia agarrar a cápsula de ácido com uma delas e facilmente partir o gargalo com a outra. Mas Stauffenberg, com uma só mão e essa com falta de dois dedos, teria de quebrar a cápsula com o alicate, cujos pegadores tinham sido recobertos com borracha para não escorregarem no vidro. Agora êle estava ali sentado treinando, repetindo a operação com um tubo de metal que levava para êsse fim. Não podia falhar, do contrário a Alemanha estaria condenada. No Ocidente os aliados tinham atravessado a Mancha e penetravam na França. No Oriente, os russos quase haviam aniquilado o IX Exército Alemão, e mergulhavam agora nos Bálcãs e na Polônia. Entretanto, Hitler recusava-se a negociar.

—Estou apostando tudo—rugira êle em uma de suas conversas à mesa. —Tenho de escolher entre vitória e destruição. Se o povo alemão não quiser entender-me, terá de perecer!

No Santuário

10h 10m. O Heinkel inclina-se para a pista de pouso em Rastenburg. A bordo, Stauffenberg e Haefsten tentam lobrigar a distância o *Wolfschanze* ("Covil do Lobo"), complicadamente camuflado: um sistema de blocos circulares rodeado por arame farpado e ericado de campos de minas e casamatas. Como tantas de suas decisões, a escolha de um posto de comando por Hitler parece ter-se baseado num capricho. O Covil do Lobo, instalado em uma floresta úmida e lúgubre, fica a quilômetros de distância de toda a parte, estrategicamente inútil. Ali, porém, guardado por um regimento inteiro de soldados selecionados, equipado com carros de combate e artilharia pesada, o Führer tinha resolvido alojar-se num isolamento ranzinza.

10h 15m. O Heinkel pousa. Haefsten diz ao piloto:

—O coronel tem de voltar às pressas para Berlim. O avião deve estar pronto para decolar a qualquer momento depois do meio-dia.

Entrando sozinho no carro que o espera, Stauffenberg começa a percorrer o labirinto de 14 quilômetros até ao Covil do Lobo, cujas câncas são patrulhadas dia e noite. Três vezes o carro é revistado em pontos de controle fortemente guardados. Três vezes Stauffenberg tem de exhibir seu passe, válido somente para esse dia. De cada vez, as sentinelas telefonam anunciando ao posto seguinte a identidade do visitante.



O Coronel Claus von Stauffenberg, um dos mais importantes conspiradores da "Operação Valquíria"

10h 43m. O trajeto de 14 quilômetros levou quase meia hora para ser percorrido por causa das inspeções nos pontos de controle. Cruzado o terceiro portão, Stauffenberg pôde afinal ver a rede de arame eletrificada de dois metros de altura que cerca o *Führersperrkreis*, o alojamento pessoal de Hitler. Contém apenas três estruturas: a *Lagebaracke*, ou sala dos mapas, onde o Führer realiza suas conferências; o abrigo e acomodações pessoais de Hitler; e um canil de concreto reforçado para o seu enorme Blondi, um pastor-alemão.

Como a conferência não deve começar senão às 12h 30m, Stauffenberg pára no refeitório dos oficiais para fazer o desjejum. Ao café, faz questão de palestrar com o ajudante

do comandante da guarnição, que poderá ser útil nas próximas horas.

11h 10m. Sempre carregando a pasta, Stauffenberg penetra no gabinete do General Walther Buhle, Chefe do Estado-Maior do Exército, para uma conferência a respeito do potencial humano disponível.

11h 35m. Com o General Buhle, Stauffenberg vai até ao gabinete do Marechal-de-Campo Wilhelm Keitel, Chefe do Alto Comando das Forças Armadas. A caminho, de propósito deixa o cinto de seu uniforme e o boné na sala das ordens, que está vazia. Keitel, vermelho e barrigudo, bajulador diante de Hitler, é notório por seu hábito de apoquentar oficiais jovens.

—Espero que você possa fornecer as tropas de que precisamos—vocifera êle.—As notícias da Rússia são más. O Führer terá pouca paciência para desculpas.

Stauffenberg bate na mortífera pasta:

—Tenho tudo aqui, Herr Feld-marshal.

A Dois Metros do Führer

12h 31m. Keitel e Stauffenberg saem juntos para o *Führersperrkreis*. Stauffenberg de repente pára.

—Esqueci o meu boné.

Com a pesada pasta balançando na única mão, êle volta correndo à sala das ordens e fecha a porta. Encostando a pasta numa perna da mesa, êle desafivela as correias, descobre a bomba e agarra o alicate com os três dedos da sua única mão. Com um só

movimento preciso, parte a cápsula. A sorte está lançada. Dentro de 10 minutos, um quilo de poderoso explosivo detonará dentro da pasta.

Quando Stauffenberg abre a porta, Keitel está apenas a meio passo, com a mão já estendida para a maçaneta da porta.

—Depressa, raios!—resmungo Keitel.—O Führer terá um ataque. Já estamos atrasados.

12h 35m. A sala de mapas, de cinco metros por 12,5, é de madeira, mas suas paredes são reforçadas com tijolos e o teto com 10 centímetros de concreto. Stauffenberg e Keitel estão de fato atrasados. O Tenente-General Adolf Heusinger, Chefe de Operações do Exército, começou uma exposição monótona acêrca da frente russa em colapso. Keitel tem de interromper para cumprimentar o Führer e explicar que Stauffenberg traz um relatório sôbre efetivos. Hitler acena com a cabeça e ordena a Heusinger que continue com seu relatório.

12h 37m. Resta pouco tempo—o ácido já comeu até à metade o arame da espolêta. Stauffenberg estuda a sala cuidadosamente. Vinte e três oficiais estão agrupados em tórno da mesa de carvalho, com seis metros de comprimento por metro e meio de largura. O Führer está de pé no centro da parte mais longa da mesa, de costas para a porta, com os mapas da situação abertos diante de si. Keitel ocupou seu lugar ao lado de Hitler. O General Heusinger, ainda falando, está do outro lado dêste.

Stauffenberg procura um lugar onde colocar a pasta. A mesa dos mapas, retangular, não é sustentada por pernas, mas por três pesados blocos de madeira, a intervalos, dispostos no sentido da largura da mesa. Murmurando desculpas para o chefe do estado-maior de Heusinger, Stauffenberg debruça-se por cima dêle e apóia a pasta contra a parte interna de um dos apoios da mesa, a menos de dois metros da perna direita do Führer. Depois êle se encosta novamente na parede, próximo da porta aberta.

12h 39m. A reunião de atualização arrasta-se. Heusinger fala de poderosos salientes na frente oriental. Stauffenberg espia o seu relógio. Faltam três minutos. Sem ser notado, sai pela porta e deixa o prédio.

12h 41m. Caminhando com passos firmes, Stauffenberg alcança o Bunker 88, o centro de comunicações, a 200 metros da sala dos mapas. Haeften aguarda-o ali com um carro. Junto dêle está o General Erich Fellgiebel, Diretor de Comunicações do Exército e recentemente conquistado pelo complô Valquíria. A missão de Fellgiebel é vital: avisar os conspiradores de Berlim assim que a bomba explodir, e depois isolar o Covil do Lobo do mundo exterior, cortando completamente tôdas as comunicações pelo rádio e pelo telefone.

—Mais um instante—diz Stauffenberg.

Os três oficiais olham, petrificados, para a sala dos mapas. Os se-

gundos se arrastam. Stauffenberg consulta de nôvo o seu relógio.

—Ela já devia ter explodido—murmura.—Será que falhou? Será . . .

12h 42m. Com um barulho ensurdecido, a sala de mapas vai pelos ares em labaredas amarelas. Voam corpos pelas janelas. O teto desaba numa chuva de detritos.

Fellgiebel corre a telefonar para Berlim. Stauffenberg e Haeften pulam para o carro e correm velozmente para o aeroporto.

Mas sair do Covil do Lobo, Stauffenberg sabe, não será fácil. Os guardas terão por certo ouvido a explosão; todos os pontos de contrôle estarão fechados, aguardando ordens.

Na primeira barreira, o tenente em comando recusa-se a respeitar os passes dêles. Stauffenberg salta do carro. Seu coração está aos saltos, na previsão do sucesso, mas tem plena consciência da tarefa crítica que ainda o aguarda em Berlim. Êle tem de sair dêsse lugar . . . imediatamente. Pede um telefone. Levado ao corpo da guarda, vira-se de costas e murmura qualquer coisa ininteligível no fone, depois desliga.

—Vê, tenente—diz êle gravemente—eu lhe disse: tenho permissão para passar.

Confuso e intimidado, o tenente manda levantar a barreira. A seguir telefona para o Ponto de Contrôle n.º 2.

Quando o carro chega ao segundo portão, o guarda está ao telefone. Stauffenberg inclina-se para fora.

—Levante a cancela imediatamente! Estou com muita pressa!—grita.

Satisfeito por ser êsse o coronel para quem acabara de receber autorização de trânsito, o guarda presta uma bonita continência e deixa o carro passar.

No Ponto de Contrôle n.º 3, porém, a situação é diferente. O comandante do portão é um sargento-ajudante da velha escola. Ordens são ordens. Ninguém poderá passar enquanto o alerta não fôr suspenso. Êle não dará ouvidos a argumentos.

Stauffenberg não se atreve a esperar.

—Chame o ajudante do comandante—diz.

Quando a ligação é feita, êle pega no telefone:

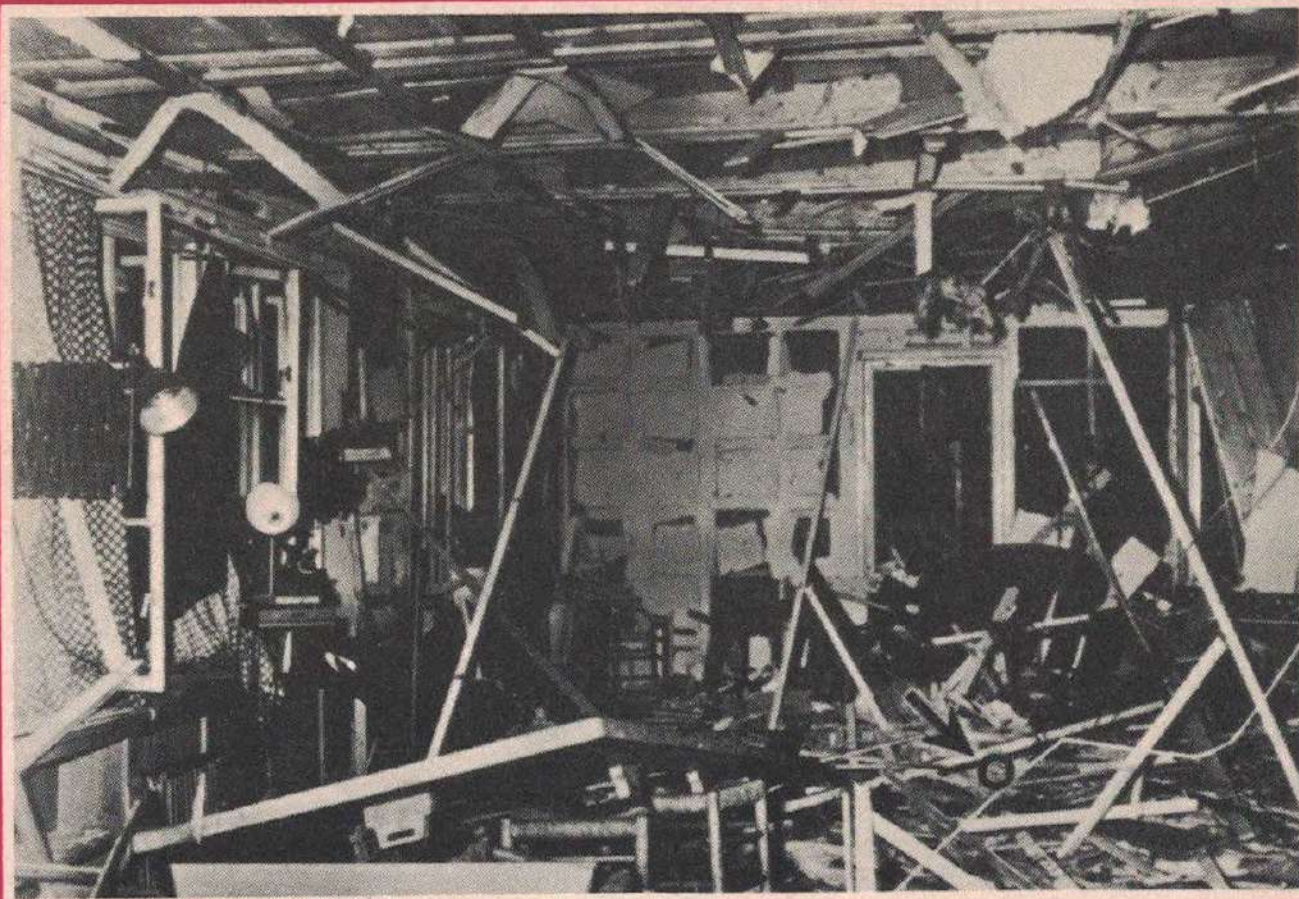
—O General Fromm está à minha espera na pista de pouso—diz êle, mentindo, ao ajudante, o mesmo jovem oficial que êle tinha cativado e lisonjeado durante o café algumas horas antes.

—Diga ao homem que me deixe passar.

A ordem é dada.

1h 05m. O automóvel pára com um rangido de freios sob a asa do Heinkel. As hélices já estão girando. Assim que Stauffenberg e Haeften estão em seus lugares com os cintos afivelados, o avião sobe roncando para o céu sem nuvens.

A destruída Lagebaracke (sala dos mapas), parte do santuário de Hitler, depois da explosão. A seta indica o local da bomba



Stauffenberg exulta. Afinal Hitler está morto! O assassinato ocorreu sem qualquer obstáculo. Se os outros conspiradores agirem prontamente, a Operação Valquíria estará perto da conclusão quando êle chegar de volta a Berlim. Ao cair da noite, a Alemanha terá um nôvo govêrno!

“Tenho de Fazer Alguma Coisa”

CLAUS VON STAUFFENBERG não era o primeiro homem que tentava livrar a Alemanha do domínio de Hitler. Tinha havido resistência interna à bestialidade nazista desde o princípio. Uma célula antinazista, composta de oficiais do Alto Comando do Exército e chefiada pelo Coronel-General Ludwig Beck, que perdera seu pôsto de Chefe do Estado-Maior em 1938 por considerar impraticáveis os projetos militares de Hitler, vinha pensando repetidamente num *putsch* anti-hitlerista desde a ocupação da Tchecoslováquia. Êles estavam convencidos de que o Exército dispunha do poder para derrubar os nazistas se Hitler pudesse ser primeiro eliminado. Mas seus esforços foram grandemente dificultados pelo poderio paralisante que Hitler exercia sôbre grande parte do quadro de oficiais. Marechais-de-campo que o detestavam esquivavam-se ao único e terrível ato que traria consigo um nôvo govêrno.

Havia outra dificuldade enorme: Hitler era obcecado pelo mêdo de assassinato. O pontiagudo boné militar que êle usava era forrado com aço à prova de bala. Cada prato de

alimento que êle comia tinha de ser provado antes por um empregado. Suas idas de um lugar para outro eram intencionalmente imprevisíveis e imprevistas; seu pôsto de comando era trocado com errática freqüência; sua guarda de segurança pessoal nunca era inferior a 1 000 homens. Diante de tais obstáculos, uma maquinação após outra falhou ou foi abandonada, e cada insucesso expunha os conspiradores a maior probabilidade de morte violenta.

E, no entanto, êles continuavam a tentar. No comêço de 1943, Hitler voou até à frente oriental numa viagem de inspeção. Pouco antes de seu regresso, uma bomba sincronizada para explodir em 30 minutos foi colocada clandestinamente a bordo do avião. Mas, por uma injustiça do destino, a bomba não funcionou.

Pouco tempo depois, um oficial apresentou-se como voluntário para assassinar Hitler durante uma cerimônia no Arsenal de Berlim. Êle levaria uma bomba de espolêta de curto retardo em cada um dos bolsos do capote. No momento crítico, êle se achegaria ao Führer e os dois iriam pelos ares. Contudo, com sua preocupação compulsiva por sua segurança, Hitler reduziu o tempo de sua visita e saiu bruscamente do arsenal minutos depois de ter chegado.

Com êsse insucesso e a subsequente reforma compulsória do Coronel Hans Oster, da *Abwehr*, homem-chave das conjuras e que se tornara suspeito à Gestapo, alguns dos mais



**SOLV-X
FAZ
A DIFERENÇA!**

(E POR ISSO A PARKER SUPER QUINK É A
MAIS VENDIDA NO BRASIL E NO MUNDO!)



Limpendo a caneta à medida que escreve, a Parker Super Quink melhora sempre qualquer letra e qualquer caneta. Exija Parker Super Quink com SOLV-X.

Também em cartuchos especiais para canetas-tinteiro Parker 45

⊕ PARKER
super Quink

Seis cores permanentes: preta, azul preta, azul real, azul turquesa, vermelha e verde.
Duas cores laváveis: azul real e violeta.



Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:
COSTA PORTELA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.
Av. Presidente Vargas, 435 - 8º andar - Rio

audaciosos conspiradores perderam a coragem. Tôda a conspiração se desagregou.

Foi Claus von Stauffenberg quem a coordenou uma vez mais. Descendente de uma aristocrática família da Alemanha meridional, compassivo, muito lido, brilhante oficial, Stauffenberg jamais ingressara no Partido Nazista. Conquanto a princípio apoiasse os nazistas por estar descontente com a impotência da República de Weimar, a cura nazista para os males da Alemanha em breve o deixou aterrado. Depois da queda da França, êle se engajou na conspiração do General Beck.

Mas um encontro cruel aguardava Stauffenberg. Em abril de 1943, no deserto da Tunísia, quando seu carro-comando corria a tôda velocidade, foi metralhado por caças norte-americanos e êle foi ferido gravemente. Perdeu o ôlho esquerdo, a mão direita, os dedos mínimo e anular da mão esquerda, e teve ambas as pernas severamente dilaceradas.

Durante os cinco meses de tratamento e convalescença no hospital, uma resolução férrea se apoderou de Stauffenberg. Uma noite, quando a espôsa o visitou, êle disse:

—Os oficiais de estado-maior têm de aceitar sua quota de responsabilidade pelo que aconteceu à Alemanha. Tenho de fazer alguma coisa.

Nina von Stauffenberg procurou não olhar para o braço sem mão nem para a vista cega.

—Sim, você—ela falou tristemente—é justamente você.

Mas ela sabia que êle estava decidido.

Em 9 de setembro de 1943—o dia em que os Aliados desembarcaram na Sicília—Stauffenberg saiu mancando de um hospital de Munique e tomou o trem para Berlim. Aí sua energia arrebatada instilou vida nova na conspiração. No quartel-general da Bendlerstrasse trabalhava dia e noite nos planos para a revolta. Para evitar desconfianças sôbre a sua atividade febril, usava como base para o seu complô um plano prèviamente criado com o assentimento de Hitler e destinado a esmagar um possível levante dos milhões de trabalhadores-escravos no interior do Reich. Cautelosamente sondou influentes comandantes do Exército quanto a seu apoio. Alguns comprometeram-se a colaborar; outros fizeram ouvidos de mercador. E uns quantos permaneceram perturbadoras interrogações.

Em outubro de 1943, Stauffenberg recrutou um jovem oficial de Infantaria, Capitão Axel von dem Bussche, para outra tentativa de assassinato, semelhante à que falhara no ano anterior. Hitler, cuja mania de dirigir pessoalmente a guerra se estendia até à aprovação de uniformes, anunciara que iria examinar um nôvo capote militar. Stauffenberg providenciou para que Bussche fôsse escalado como manequim, quando açonaria as espolêtas de quatro segundos que levaria nos bolsos. Êle deveria segurar o Führer e mantê-lo num abraço apertado até que a detonação destruísse os dois.

*-Você pode
confiar nos
produtos*

ANUNCIADOS EM

Seleções

do Reader's Digest

ANUNCIADOS EM

Seleções

do Reader's Digest

ANUNCIADOS EM

Seleções

do Reader's Digest

Dias antes da demonstração, no entanto, a nova peça de fardamento foi destruída em uma incursão aérea. Antes de poder ser substituída, Bussche recebeu ordem de retornar à sua unidade na Rússia. Diversas outras tentativas nos meses seguintes também falharam. Com os nervos esgotados, Stauffenberg disse ao seu irmão Berthold:

—Farei a maldita coisa eu mesmo ... com os meus três dedos.

O Momento Aproxima-se

ASSIM começaram as longas horas de treinamento de Claus von Stauffenberg com o alicate e simulacros de espôletas de bombas. Houve outros preparativos também. Católico devoto, êle foi ao Bispo de Berlim e confessou que pretendia cometer um assassinato—tiranicídio.

—Acredito que devemos fazer isto —falou êle calmamente—para que o mundo saiba que existem alemães de consciência. Mesmo que fracassemos, os que vierem depois de nós poderão erguer suas cabeças entre os homens.

—Se você consultou seu coração, meu filho—disse-lhe o bispo—não tentarei dissuadi-lo.

De vez em quando, Stauffenberg pegava o trem noturno até à casa da família em Bamberg e ali passava um tranqüilo fim-de-semana com a espôsa e os quatro filhinhos. Embora êle nunca falasse de seu trabalho, a espôsa adivinhava, e num dia de junho de 1944 ela disse:

—Você já está metido em alguma

espécie de maquinação, não está?

—Estou—disse êle—mas, quanto menos você souber, mais segura ficará.—Após um longo silêncio, acrescentou:—Se as coisas saírem erradas, não há nada a fazer por mim. Você deve denunciar-me. Um de nós tem de viver... pelas crianças. Você entende?

Ela entendeu. Mas Nina Stauffenberg, que esperava seu quinto filho, estava angustiada, cheia de maus pressentimentos quando o marido retornou a Berlim.

No princípio de julho, Stauffenberg foi chamado duas vêzes ao pôsto de comando de Hitler. No dia 11, levou consigo a bomba na pasta, mas resolveu não usá-la porque Himmler, o odiado chefe da S. S., não estava presente. As probabilidades de abafar rapidamente a resistência da S. S. seriam grandemente ampliadas com o seu líder eliminado. No dia 15, êle chegou a telefonar para a Bendlerstrasse e dar a palavra de código para desencadear a Operação Valquíria. Mas ao regressar à sala dos mapas, com sua bomba, Hitler tinha ido embora. Freneticamente, Stauffenberg correu ao telefone para cancelar a operação.

As pressões aumentavam. Ninguém podia estar seguro de quem era amigo ou inimigo. Um dos chefes da Valquíria foi informado confidencialmente de que haviam sido expedidas ordens para sua prisão. Parecia inteiramente possível que Himmler estivesse a par de toda a conspiração e que fôsse arrebanhá-

los a todos. A coisa tinha de ser feita logo, ou estariam condenados.

Na tarde de 19 de julho, Stauffenberg recebeu ordem de apresentar-se no Covil do Lobo no dia seguinte, com um levantamento pormenorizado das divisões disponíveis para a frente oriental em colapso. Sem sinal de excitação, êle trabalhou no relatório até tarde. Às 8h 15m da noite, a caminho de casa, mandou seu motorista parar em uma igreja.

—Espere-me—disse, e entrou sozinho.

Já tinha feito sua confissão, embora não pudesse, evidentemente, receber absolvição. Passou uns últimos momentos rezando, depois voltou para o automóvel.

No dia seguinte, às 12h 42m, êle detonou a bomba.

Confusão na Bandlerstrasse

3h 30m. Aproximando-se de Berlim depois de sua fuga do Covil do Lobo, Stauffenberg está rígido de ansiedade. Por mais de duas horas êle ficou em seu avião, isolado de qualquer contato com outros membros da conspiração. Êle não sabe se a notícia do assassinato saiu de Rastenburg. Tampouco sabe até que ponto as operações progrediram em Berlim. A cidade teria sido tomada? Os comandantes militares em tôda a Alemanha estarão deslocando-se para seus objetivos fixados?

3h 45m. O Heinkel pousa na pista de Rangsdorf. Haeften telefona para a Bandlerstrasse. Êles expediram as ordens da Valquíria? Está tudo con-

trolado? Não, dizem-lhe, nenhuma ordem foi expedida. Nada está sob contrôle.

—Mas êles não receberam a mensagem do General Fellgiebel?—exclamou Haeften.—Não sabem que Hitler está morto?

A mensagem de Fellgiebel veio truncada, é a resposta. Foi impossível entender a situação. Em suma, nada foi feito.

Stauffenberg agarra o telefone e dá uma ordem incisiva:

—Hitler está morto! Expeçam as ordens da Valquíria imediatamente!

A seguir, êle apodera-se de um automóvel e parte para a Bendlerstrasse em disparada.

3h 55m. Incitados pelas notícias de Stauffenberg, os conspiradores começam a mexer-se. Saem as ordens da Valquíria pelo telefone e pelo teleprinter. A primeira anuncia que o Führer está morto e o Poder Executivo passou para as mãos do Exército. A segunda alerta unidades da região de Berlim. Mas é terrivelmente tarde.

4h. O General Friedrich Olbricht, homem importante na Operação Valquíria, caminha pelo saguão até ao gabinete de seu chefe, o Coronel-General Friedrich Fromm, Comandante do Exército do Interior. Fromm nunca se comprometeu com os conspiradores, apesar de recentemente êles lhe terem revelado o complô. Oportunista, êle não dará um passo antes de estar certo de qual é o lado vencedor.

—Hitler foi assassinado—diz-lhe

Olbricht.—Para garantir a segurança interna do Reich, o senhor deve pôr em execução a Operação Valquíria e encarregar-se dela.

Fromm hesita.

—Como sabe que o Führer está morto?

Olbricht diz que recebeu um chamado direto de Fellgiebel. E então, na crença de que tôdas as comunicações do Covil do Lôbo para fora foram obstruídas, êle dá um blefe desastroso: oferece-se para telefonar para Rastenburg.

Num esforço fantástico, Fellgiebel conseguiu, de fato, manter o centro de mensagens fechado por quase três horas. Agora, entretanto, está funcionando perfeitamente outra vez. Quando Olbricht apanha o fone na mesa de Fromm e pede uma ligação *blitz* com o Marechal-de-Campo Keitel, fica assombrado de ouvir quase imediatamente a voz de Keitel.

Fromm agarra o fone:

—Acabo de receber um informe de que o Führer foi assassinado.

—Tolice—retruca Keitel brusca-mente.—Houve um atentado, mas o Führer está vivo. Êle só ficou ligeiramente ferido.

Aturdido, Olbricht sai como um raio do gabinete de Fromm para examinar a conveniência de revogar tôdas as ordens.

4h 30m. Chegando do aeroporto, Stauffenberg irrompe no gabinete de Olbricht. Êle é como uma rajada de ar fresco no ambiente de confusão e incerteza. Acalma os temores de todos. Hitler está certamente morto,

assegura-lhes, e descreve a violência da explosão. Keitel está só procurando ganhar tempo, não podem êles ver isso?

Stauffenberg faz um chamado urgente para Paris.

—Ponham a Operação Valquíria imediatamente em marcha. O golpe está em pleno andamento. Em Berlim, a zona governamental está sendo ocupada agora. Só recebam ordens do nôvo govêrno daqui.

4h 45m. Com Olbricht ao seu lado, Stauffenberg sai para o corredor para um confronto final com Fromm.

—Herr General—diz êle ao impassível Comandante do Exército do Interior, um homem de cara vermelha.—Hitler está morto! Eu pessoalmente vi a explosão. Ninguém naquela sala pode ter sobrevivido.

—Keitel diz que Hitler está vivo—responde Fromm.

—Keitel mente! Herr General, fui eu mesmo que coloquei a bomba e lhe digo que Hitler está morto!

—O senhor?—Fromm tinha-se levantado, arquejante.—Conde Stauffenberg, seu golpe fracassou! O senhor tem de matar-se!

Olbricht adianta-se:

—Herr General, esta é a hora de agir, antes que a Alemanha se arruíne.

—Os senhores estão presos!—grita Fromm.—Os dois!

Os dois engalfinham-se. O corpulento Fromm livra-se e bate no rosto de Stauffenberg. Ouvindo os gritos, o Tenente Haeften entra correndo com a pistola na mão. Fromm é



Seleções assegura vida mais longa para o seu anúncio!

Sim. Porque Seleções é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e os próprios leitores afirmam não existir o que se poderia chamar "um número antigo de Seleções". O interesse da matéria editorial de Seleções se transmite aos anúncios. É por isso que eles têm uma vida mais longa e mais ativa do que em qualquer outra revista. São inúmeros os anunciantes que continuam recebendo, anos após a publicação, consultas e cupons resultantes de seus anúncios em Seleções.

Seleções do Reader's Digest

RIO: Av. Presidente Vargas, 62 - 7.º andar; tel.: 23-8519
S. PAULO: R. Maranhão, 620 - 12.º and.; tel.: 51-8990

subjugado e pôsto sob guarda no gabinete de seu ajudante.

"O Alerta é Falso!"

5h. Stauffenberg manda colocar soldados favoráveis em tôdas as entradas do imenso edifício semibombardado do quartel-general. Muitos oficiais que trabalham no prédio ainda não têm idéia da razão de ser daquela frenética atividade. Beck está ostensivamente no comando. Mas está claro que o verdadeiro líder é o coronel aleijado, de espírito indomável. Êle está em tôda parte, ora arrebatando um telefone e dando ordens, ora correndo para contrapor-se a qualquer indício de diminuição do entusiasmo.

5h 15m. As notícias que chegam são encorajadoras. Partidários da Valquíria começaram a avançar contra os nazistas em Viena. Em Berlim, tropas guardam as principais praças e todos os edifícios do ministério para o nôvo govêrno.

5h 50m. São dadas ordens para a prisão de Joseph Goebbels, o homem de pés tortos, por muito tempo chefe da propaganda de Hitler, *Gauleiter* de Berlim e recentemente nomeado Comissário de Defesa do Reich. A ordem deve ser executada pelo Comandante do Batalhão de Guarda *Grossdeutschland*, unidade de escol, o Major Otto Remer. Mas Remer, incerto quanto à linha de ação a adotar, aceita de bom grado a oferta de um jovem tenente de seu estado-maior, fervoroso nazista, para ir até Goebbels descobrir o que está ocor-

rendo. O oficial volta com a notícia de que Hitler está vivo, que o Exército está aparentemente preparando um *putsch* e traz um chamado de Goebbels. Remer corre ao alojamento de Goebbels.

—Ah, aí está o senhor, Major Remer. Veio para prender-me—fala Goebbels sarcásticamente quando Remer irrompe no seu gabinete.

O chefe nazista parece um anão maligno, de pé por trás de sua imensa mesa.

—Eu preciso saber qual é a situação. Fui informado de que o Führer está morto—deixa escapar Remer.

—O Führer está vivo. Falei com êle há poucos minutos.

—Pode provar isso?

—Naturalmente que posso. Quero que você mesmo fale com o Führer.

Goebbels apanha o telefone e ordena uma ligação *blitz* com o Covil do Lobo. Diz algumas palavras e em seguida entrega o telefone a Remer.

—Pode ouvir minha voz?—chega inconfundível a voz de Hitler.

—*Jawohl, mein Führer!*

—Major Remer, o senhor deve receber ordens apenas de mim. Determino-lhe que esmague essa insurreição em Berlim imediatamente com todos os meios disponíveis.

Remer não precisa de mais provas. Com um rouco "Heil Hitler!" corre de volta ao seu batalhão e começa a desfazer todo o trabalho desesperado das últimas duas horas. Retraíndo suas tropas dos arredores do Ministério da Propaganda, ordena-lhes que façam regressar tôdas as uni-

INGLÊS

é com

**O POLIGLOTA
ELETRÔNICO**



revolucionário
método FONEMO-
CROMOGRÁFICO
3 000 palavras em
conversação - 45 lições
12 L.P.'s - 1 álbum
ilustrado. Pioneiro em
Audio-Visual no
Brasil - Escolas em
São Paulo - Pôrto
Alegre e Rio de Janeiro
Remeta pelo Correio
NCr\$ 10,00 em selos
e receba pelo Reembolso
Postal, pelo preço
de NCr\$ 140,00



O POLIGLOTA ELETRÔNICO

Av. Venezuela, n.º 27 - sala 307 - ZC-00
Caixa Postal n.º 1493
Rio de Janeiro - Guanabara

NOME _____

ENDEREÇO _____

dades do Exército que se deslocam para a cidade. Envia um pelotão para procurar o centro de força da revolta. Instala seu posto de comando no apartamento de Goebbels e manda oficiais pelas ruas turbulentas deter as tropas em marcha.

—Voltem para seus quartéis!—bradam êles.—O alerta é falso! Hitler está vivo! Vocês serão traidores se não voltarem!

6h 30m. A vaga que Stauffenberg arremeteu através do Reich começa a refluir para a Bendlerstrasse.

6h 45m. A Rádio Deutschlandsender, em uma transmissão ouvida em tôda a Europa, avisa que falhou um atentado contra a vida do Führer, que êle está apenas levemente ferido e que voltou ao trabalho imediatamente depois da explosão.

Os generais que ouviram o aviso começam a assediar a Bendlerstrasse com chamados. Stauffenberg corre de um telefone para outro, prometendo, tapeando, ameaçando:

—Não, o aviso do rádio é falso . . . Não, o General Fromm não está aqui . . . Sim, o senhor deve seguir tôdas as ordens dêste quartel-general . . . O senhor deve ocupar tôdas as estações de rádio e instalações de comunicações . . . Sim, eu lhe garanto que Hitler está morto! A nação está em perigo e o Exército tem de assumir o poder!

7h 15m. Espalha-se pelo vasto edifício de Bendlerstrasse a notícia de que um levante militar está sendo dirigido do gabinete de Stauffenberg. Os curiosos espiam pela porta

tôda vez que alguém sai dali correndo. Alguns dos mais ousados espectadores começam a perguntar pelo General Fromm. Stauffenberg sai e pede o seu apoio, mas êles se afastam do corredor como se o local tivesse sido súbitamente contaminado pela peste.

8h 20m. Uma vez completamente recuperadas as comunicações do Covil do Lobo, Keitel põe os teletipos a funcionar com ameaças contra todos os que obedeceram às ordens Valquíria. Reiteradamente êle grita pelo telefone: “Nenhuma diretriz será válida se não fôr pessoalmente assinada por Himmler ou por mim!”

8h 45m. A poderosa Rádio Deutschlandsender vai outra vez ao ar com um aviso: “Houve um atentado contra a vida do Führer. Mas êle está vivo e bem. Êle falará à nação mais tarde ainda esta noite.”

É uma notícia estarrecedora para os conspiradores; voltam-se para Stauffenberg para que êle os tranquilize de algum modo.

—Hitler está morto, garanto-lhes!—grita êle.—Keitel está só jogando uma última cartada desesperada!

Mas até Stauffenberg parece menos seguro agora. Podia mesmo Hitler ter sobrevivido àquela explosão? O funesto aviso do rádio é repetido uma porção de vêzes e acaba soando como a trombeta do juízo final no apinhado gabinete.

A Maré Baixa

9h 10m. Todo o pêso da responsabilidade repousa agora sôbre os

ombros de Stauffenberg. Êle continua a insistir em que os comunicados do rádio são falsos. Sem dúvida, Hitler está morto. Êle corre de mesa em mesa, agarrando telefones que tocam, animando espíritos descoroados, chamando para tôda a parte num frenético esfôrço para encontrar soldados. Onde estão as unidades dos centros de instrução? Onde estão os carros de combate?

9h 45m. Os carros de combate foram mandados de volta. Otto Skorzeny, um dos mais capazes ajudantes de Hitler, correu a Berlim e mobilizou a S. S. Agora está de nôvo controlando a cidade. Quando as sentinelas da Bendlerstrasse abandonam seus postos, Stauffenberg faz planos para os próprios oficiais defenderem o prédio.

10h 50m. Os oficiais não comprometidos que se encontram no quartel-general começam a entrar em pânico. Sentem que a maré baixou quase completamente para a Operação Valquíria, que isso lhes custará as vidas se não oferecerem alguma resistência. Armados com metralhadoras de mão, marcham para o gabinete de Olbricht e exigem que o General Fromm seja libertado. Quando Stauffenberg abre a porta, êles atiram, ferindo-o no braço.

Estabelece-se a confusão. Há mais tiros. Homens correm de um lado para o outro nos corredores, bradando para todos os que encontram: "Pelo Führer ou contra?" Soltam Fromm, que imediatamente assume o comando. Brandindo sua pistola,

êle vocifera que todos os conspiradores estão presos. O Tenente Haeften saca da pistola para atirar em Fromm. Mas Stauffenberg intervém. A Operação Valquíria terminou. Matar Fromm não alterará isso.

11h 5m. Fromm manda Stauffenberg e os demais entregarem suas armas pessoais. Beck abre seu coldre, depois diz:

—Certamente você não negará a um velho camarada a oportunidade de sair êle mesmo desta situação infeliz.

Pálido, êle já parece morto, um homem que outrora comandou todo o poderio armado da Alemanha.

—Lembro-me dos bons tempos de antigamente . . .

—Ninguém quer ouvir falar dos bons tempos de antigamente agora! —grita Fromm.—Se você vai fazer alguma coisa, pelo amor de Deus, faça-a!

Com os olhos fechados, Beck leva o revólver à cabeça. Puxa o gatilho, mas a bala apenas lhe resvala na têmpora, e êle se derreia, sangrando, em uma cadeira, enquanto Stauffenberg o sustenta. Dispara um segundo tiro e cai para a frente no chão. Ainda vivo, tem de receber o *coup de grâce* de um dos homens de Fromm.

11h 25m. Fromm faz uma breve declaração:

—Em nome do Führer, reuni uma côrte marcial, que condenou o General Olbricht e êste coronel cujo nome esqueci, junto com seus ajudantes, a morrerem fuzilados.

Stauffenberg não iria ter sequer a distinção de ser citado pelo nome.

Olbricht pede tempo para escrever uma última carta à espôsa. Stauffenberg não pede nada. Embora sangrando abundantemente de seu ferimento, mantém-se erecto e silencioso, com Haeften a seu lado.

Oh 10m. Os condenados são levados até a um pátio. Aí, à luz de faróis de caminhões, aguardam calmamente, com as costas viradas para um monte de areia, enquanto um pelotão de fuzilamento marcha para colocar-se em posição. Ao fazerem pontaria, Stauffenberg grita em voz sonora: "Viva a nossa bendita Alemanha!" Há uma única rajada e os quatro homens caem mortos ao chão.

Nem 12 horas se passaram desde que Claus von Stauffenberg colocou sua pasta sob a mesa dos mapas em Rastenburg.

Uma Pisada nos Calos

QUE TINHA corrido mal? Os conspiradores tinham cometido desastrosos erros táticos: esperar pela volta de Stauffenberg de Rastenburg antes de desencadear a Operação Valquíria; deixar de ocupar todos os centros de comunicações em Berlim; enviar o Major Remer, um completo estranho ao complô, para prender Goebbels. E, no entanto, nem todos êsses erros juntos teriam feito o complô malograr se a bomba de Stauffenberg tivesse feito seu serviço.

Foi um oficial de estado-maior, o Coronel Heinz Brandt, que, sem querer, poupou a vida do Führer,

segundos apenas depois de Stauffenberg se haver esgueirado para fora da sala sem ser percebido. Em pé, ligeiramente à direita de Hitler, Brandt se aproximou para ver o mapa e, ao fazê-lo, por duas vezes bateu com o pé na mortífera pasta que estava debaixo da mesa dos mapas. Contrariado, abaixou-se e afastou-a para o lado. Então, em vez de ficar encostada ao pesado apoio da mesa, quase aos pés de Hitler, a

Joseph Goebbels teve grande atuação durante o golpe de 20 de julho



pasta apoiava-se no lado oposto da prancha, que assim se tornou um eficaz amortecedor entre Hitler e a bomba.

O próprio Brandt morreu pouco depois em conseqüência dos ferimentos, como outros dois oficiais e uma estenógrafa que estavam do lado dêle na mesa. Quase todos os outros foram feridos, alguns seriamente. O Führer, porém, tonto e esfarrapado, saiu cambaleando, vivo, dos destroços. A princípio atribuiu sua salvação à intervenção divina. Depois, quando os efeitos da explosão passaram, entrou em uma espumante e incontrolável histeria.

—Traidores—vociferava.—Eu jogarei até as mulheres e os filhos dêles em campos de concentração! Todos têm de ser enforcados e a execução deve ser menos de duas horas depois da sentença.

Hitler cumpriu sua palavra ao pé da letra. Numa corrente contínua, os conspiradores foram levados perante um improvisado “Tribunal do Povo”, condenados e levados para a prisão Ploetzensee de Berlim. Aí, sendo-lhes negado o consôlo de verem um padre ou pastor, segundo ordem do Führer, foram lentamente estrangulados com cordéis finos de cânhamo presos a uma fila de ganchos de açougue fixados na parede. Todos os momentos da medonha cena foram fotografados e o filme revelado foi levado às pressas para Berchtesgaden para deleite do Führer.

Antes de acabar o banho de sangue, foram mortas 5 000 pessoas, muitas delas antigos hitleristas. Todas as pessoas chamadas Stauffenberg foram prêsas, inclusive mulheres e crianças. A Condessa Nina von Stauffenberg alegou desconhecer o complô, conforme o marido lhe ordenara. Ainda assim, foi encarcerada, e na prisão deu à luz o quinto filho, uma menina. Seus outros filhos foram colocados em lares adotivos, onde foram “ensinados” a esquecer seu nome. Só depois da guerra a família foi reunida.

Monumento a Uma Nova Alemanha

HOJE o pátio de *Bendlerstrasse* é um santuário dedicado aos conjurados da Operação Valquíria, o patético punhado de bravos que se ergueu em nome da consciência que despertava em uma nação. Se tivessem sido bem sucedidos em seu atentado para derrubar Adolf Hitler do poder, o rumo da História provavelmente seria outro. A Segunda Guerra Mundial poderia ter sido abreviada de nove meses e centenas de milhares de vidas teriam sido poupadas; as tropas russas talvez nunca tivessem pôsto os pés dentro da Alemanha; e a Cortina de Ferro, como hoje a conhecemos, talvez houvesse sido erguida centenas de quilômetros para leste—perto da fronteira da própria Rússia.

(Tradução de Octavio Alves Velho)